

## ALÁFIAS E TESSITURAS NA OBSERVAÇÃO: POR UM GIRO-ÉTICO EXÚ EM PROVOCAR EXISTÊNCIAS NO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO<sup>1</sup>

ALÁFIAS AND TEXTURES IN OBSERVATION: THROUGH AN ETHICAL TWIST IN EXU TO PROVIDE EXISTENCES IN THE NATIONAL PLAN OF EDUCATION

Hamilton E. S. Vieira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente texto propõe um giro de olhar, como torção de saberes em que a leitura seja convocada pelos caminhos da força Exú sobre os sentidos de existência do último PNE (2014-2024), por meio de uma abordagem experimental e afrodiaspórica, e, observando sob a ótica do pertencimento, colocando esse observar e o documento sobre o espaço da filosofia sankofa, de memória e das relações que embaralham as temporalidades humanas. Por meio deste convite, espera-se propor um olhar enegrecido, sobre a importância da existência do PNE como experimento de fazer acontecer a educação nesta continentalidade brasileira, a fim de que possamos fazer esta torção de olhar quando se pensa em avaliar. Com essa experimentação, trazer PNE como rotas e caminhos, de maneira a entendê-lo para além de uma cronologia, e sim como um plano de memórias de tantos fazeres que construíram nossa educação brasileira até o momento, que não se cessam no plano ou na ideia de soluções imediatas, no sentido que um plano de educação não se trata somente de informações e habilidades a se desenvolver, mas fala sobre nosso caráter ético e dado no diverso, o que nos torna mais humano, inclusive no observar do documento.

**Palavras-chave:** PNE; Exú; Sankofa; Memória.

**ABSTRACT:** This text attempts an experimental approach to explore the semantic field of Afro-diasporic concepts, employing African mythology and spirituality, particularly the force known as Exú, alongside a philosophical concept of time and memory called Sankofa. It aims to offer a different perspective on the relevance of the Brazilian National Plan of Education (PNE). The proposal involves using the concept of the force embodied in Exú to conceptualize the PNE as a timeless document imbued with diverse memories, akin to the philosophy of Sankofa. Exú's actions are depicted as continuous and not confined to the present moment when you think about PNE. Through this experimentation, we aim to approach the National Curriculum (PNE) not just as a chronology, but rather as a network of routes and paths. This allows us to understand it as a living plan, a repository of memories reflecting the many actions that have built Brazilian education to this point. This plan transcends the realm of immediate solutions. An education plan is not simply about imparting information and developing skills. It also speaks to the formation of ethical character and diversity that makes us human. This multifaceted becomes even more evident when we closely observe the document itself.

**Keywords:** National Plan of Education (PNE); Exú; Sankofa; Memory.

---

<sup>1</sup> Optei por não criar um vocabulário, pois acredito que toda/o leitora/or precisa se afroletrar, esse é o verdadeiro sentido da palavra enegrecer, por isso, trago essa ausência vocabular como um convite a uma episteme negra e afro-diaspórica, até mesmo porque este texto é um exercício estético-linguístico-epistêmico de aproximação com o afroconhecimento, e o deleite é por conta da entrega de cada leitora/or e um chamado a sua responsabilidade de também ampliar o texto-ebó ao seu modo, cuidando do seu ori e fazendo desse lugar-outro da palavra aqui posta um lugar para si.

<sup>2</sup>Hamilton Édio dos Santos Vieira, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, hamiltonesvieira@gmail.com.

## ALAFIANDO A DELICADA TESSITURA EM EXÚ

Em terras ancestrais, contam os sábios que uma grande crise se abateu sobre a população de uma aldeia, o que trouxe conflitos, desordem e adoeceu quem lá morava. Havia um sentimento de perda, de ausência que se abateu sobre a comunidade. Como forma de tentar achar uma saída, os guardiães da aldeia buscaram orientação de Exú, conhecido pela sua astúcia e capacidade de movimento entre os diferentes mundos da matéria e espiritual. Com seus saberes, o orixá dos caminhos ofereceu uma tessitura diferente, incentivando-os a manter sua força em meio à crise. Exú carregava consigo suas pequenas cabaças - àdó, que continham os pós que ele utilizava em seus trabalhos. Ao povo desta aldeia, explicou sobre a escolha das palavras com sabedoria e a direção dos pensamentos para a prática do bem. Ensinou a alafiar nossas vidas, promovendo cura, equilíbrio e harmonia.

A aláfia de Exú, ou seja, a confirmação de um caminho benfazejo, de busca ao equilíbrio é uma torção epistêmica sobre o conceito de bem estar. Traçar trajetos como tessituras, espaços de exercícios e provocações que tensionam os fios, que aqui se entrelaçam como em um xirê-orixá, para se pensar as torções por outras epistemologias dos sentidos, que podemos banhar em ervas o Plano Nacional de Educação (PNE).

Este ebó-texto, enquanto entrega que almeja ser plena em axé, sem ter a pretensão avaliativa ou analítica sobre contínuos e descontínuos do plano, mas sobre força-vital-ejé deste plano de política pública educacional. O lugar do todos com todos.

Tomemos aqui o PNE -2014-2024 (Brasil, 2015) como força-exú, ao abrir caminhos e trazer em seu ensejo uma direção-ori na tecelagem de novos fios e enredos na educação do nosso país-ilê. É um ensaio abusado que se faz uma cabaça-àdó, soprando poeira de dizeres afro diaspóricos que cobrem e dão outras texturas as propostas de fazeres marcadas no texto desta política. Santos (2014) nos conta que antes de Exú, existia somente o ar, e Olorum (\*) era uma infinita massa de ar, que quando se mexeu e respirou, parte do ar se transformou em água, e esse movimento de vida concebe Exú, pelo movimento da água e do ar nos espaços infinitos de Orun. Exú é mensagem e mensageiro, não é caminho, é “percorrimento”.

### Por um caminho de torção de leitura para os sentidos do PNE

Um PNE-Exú, lido de força ancestral no lugar do olhar, envolto na potência observar, em que há mundos a se passar, têm diferentes realidades brasileiras que atravessam o fazer deste documento-proposta-ação, no embate-tensão dos fazeres, dizeres e daquilo que de fato acontece quando posto em caminhada. Toma-se aqui Pierre Verger em sua cosmogonia branca pelo axé-preto da força-candomblé, para dizer estas vestes yawô-iniciática com as quais vestiremos o PNE em uma força-exú, propondo um giro-ético/estético de *escrevinhâncias*. Um observatório sobre o PNE, como o lugar-mundo, da criação do ontem, da composição do hoje-ontem e da flecha de futuro-ontem em um hoje-ilê. Casa (ilê) sem tempo-relógio, em que o hoje não se acalma no relógio, muito

menos na compreensão do momento de agora. Um hoje de matar a sede, do tempo-dendê em árvore, do líquido que escorre.

Òrìànlá pôs-se a caminho apoiado num grande cajado de estanho, sua *pá oorò* ou 34300, o cajado para fazer cerimônias. No momento de ultrapassar a porta do Além, encontrou Exú, que entre as suas múltiplas obrigações, tinha a de fiscalizar as comunicações entre os dois mundos. Exú, descontente com a recusa do Grande Orixá em fazer as oferendas prescritas, vingou-me fazendo-o sentir uma sede intensa. Òrìànlá, para matar sua sede, não teve outro recurso senão o de furar, com o seu paxorô, a casca do tronco de um dendezeiro. Um líquido refrescante dele escorreu: era o vinho de palma. Ele bebeu-o ávida e abundantemente. Ficou bêbado, não sabia, mas onde estava e caiu adormecido. Veio então lfin-Odùduà, criado por Olodumaré, depois de Òrìànlá ser o maior rival deste. Vendo o Grande Orixá adormecido, roubou-lhe “o saco da criação”, dirigiu-se à presença de Olodumaré para mostrar-lhe seu achado e lhe contar em que estado se encontrava Òrìànlá. Olodumaré exclamou: “Se ele está neste estado, vá você, Odùduà! Vá criar o mundo!” Odùduà saiu assim do Além e se encontrou diante de uma extensão ilimitada de água. Deixou cair a substância marrom contida no “saco da criação”. Era terra. Formou-se então um montículo que ultrapassou a superfície das águas. Aí, ele colocou uma galinha cujos pés tinham cinco garros. Esta começou a arrancar e a espalhar a terra sobre a superfície das águas. Onde ciscava, cobria as águas, e a terra ia se alargando cada vez mais, o que o ioruba se diz *ilê nf*, expressão que deu origem ao nome da cidade de ilê Ifé. Odùduà aí se estabeleceu, seguido pelos outros orixás, e tornou-se assim o rei da terra (Verger, 2002, p. 100).

Um PNE-Exú porque emerge da tensão do viver, das tarefas árduas e dos conflitos das relações, que atravessa por entre espaços para abrir clareiras e caminhos. Uma política de pespontos e alinhavos, que tecem a bolsinha mágica que carrega os pós mágicos, os àdós. Um plano que embrenha brasis adentro, com flechas a serem certeiras e mandingas a serem utilizadas. Entrar neste texto-ebó é como entrar na casa de Exú, em suas ferragens forjadas pela força-potência. Entrar no que se constituiu ao longo dos anos o PNE é entrar no lugar da observação para a ação, de entender o avaliar como o ato de mirar o alvo, o pássaro encantado. Neste PNE-Exú, o documento se torna vivo e fértil, povoa saberes e imaginários, e fecunda os dizeres e fazeres da educação brasileira.

A força vital, energias inerentes aos seres que faz configurar o ser-força ou força-ser, não havendo separação possível entre as duas instâncias. [...] A palavra substância divina utilizada para a criação do mundo [...] elemento desencadeador de ações ou energias vitais (Leite, 1996, p. 105 - 108).

O convite é um acompanhar, por uma episteme negra, alquímica, em que o grande respeito aos guardiães da memória (griots), que trazem a manutenção da memória viva de toda uma comunidade por meio do dito, e do feito. Esta torção-texto-ebó sobre o PNE, é capturá-lo sob o manto negro da energia-orixá.

O último Plano Nacional de Educação (PNE) energizado sobre as forças de um giro-exú, antecipado pelo lugar da observação como lugar de exercício fiandeiro e matreiro de Exú. Um plano governamental de política pública nacional, que traz a força-desejo de melhoria da qualidade da educação em todas suas etapas. Aprovado pela Lei 13.005/2014, tendo como horizonte-caminho-trilha o marco temporal de se lançar como pedra-futuro até 2024. Claro, nesse tempo inúmeros documentos avaliaram e apontaram questões sobre esta política nacional, procurando observar como e o que foi essa trama tracejada ao longo desses dez anos (OLIVEIRA, GOUVEIA e ARAÚJO, 2018; DOURADO, MORAES, SIQUEIRA, 2023).

A pretensa banalidade trivial poderia estar resolvida se perguntássemos sobre o que vemos no PNE. Contudo, se quisermos a *matreiragem* de Exú, podemos alafiar outra questão: o que vemos é de fato o observado?

Por um criança do mundo em uma proposta de sentidos do PNE

Vão passando! Entrem na escola do mundo ao avesso! (...)  
Venham ver o rio que cospe fogo! (...)  
O bufão sentado no trono do rei! (...)  
A varinha mágica que transforma um menino numa moeda! (...)  
Não confundir com grosseiras imitações!  
Pessoas sensíveis e menores, abster-se.  
(Galeano, 1999, p. VII)

Criançar o mundo. Percorrer com infâncias. Ser o outro dos espaços, nos vemos como estrangeiros, de ter sensações estrangeiras. Posicionar-se em uma infância como uma estrangeiridade perante as coisas e com elas, tê-las em estrangeiridade, como se colocar na infância das coisas.

Se aprender organiza-se em nossa condição, é preciso criança este aprender. Apreendente desde suas cosmogonias iniciais até suas últimas viagens. O que nos faz humanos. Estar e ser aprendente. Charlot (2000) provoca nossa *trajetude*, uma espécie de estar finito no que é infinitamente contínuo e em movimento. Aprender como apropriar. Ir além. Romper o tempo cronos, cronológico e linear (algo tão presente nas concepções curriculares e nas teorias de aprendizagem).

Trajetude, porque não é trajeto, é amiúde. Um deslocar de tempo. Possuir um estado de constância, em que espaços e tempos se deslocam de forma sapeca, ora borrando, outras vezes pulando e botando de cabeça para baixo e muitas correndo na frente, e na frente voltando esconder atrás. É um tempo em si e não nas coisas, mas com aquilo que passa e brinca, volta e pula, sai dando cambalhotas e às vezes chora pedindo ajuda. É criar experiências outras com tempos, da sensação estrangeira diante do relógio, do olhar fugidio e das sobranceiras em pé atentas ao que olhar e, de repente, aprende.

Olhar Charlot (2000) e de forma matreira segurar em suas mãos, percebendo que o ser humano se define é em sua própria história, feita de ausências e presenças de si. Sai de si, acontece fora de si. É colocar em vigência o desejo de ser o que não se é e seu encontro (talvez trombada, quem sabe é o acaso) com um mundo cheio de outros e de si. É no movimento da ausência e presença em si fora de si mesmo um lugar da condição

humana. Esse brincar serelepe, combustão de andares, de parto a partidas. Tornar-se. Tornar-se singular e socializar, pertencer e ser comum, como um, estar em comunidade. Trajetude complexa, longa e nunca acabada.

A educação é produção de si por si mesmo; é o processo através do qual a criança que nasce inacabada se constrói enquanto ser humano, social e singular. Ninguém poderá educar-me se eu não consentir, de alguma maneira, se eu não colaborar; uma educação é impossível, se o sujeito a ser educado não investe pessoalmente no processo que o educa (Charlot, 2000, p. 54).

Ainda que a educação possa ser o lugar do ritual (se pensarmos ritual em uma perspectiva *levi-straussiana*), encontra-se neste lugar o movimento preservar a continuidade do vivido. Contudo, se implode-se o lugar como o lugar do brinquedo, altera esse tempo do rito, desprende do sagrado, e coloca-se no tempo humano. Profana por este as atividades humanas entre o tempo e o brinquedo.

Ao brincar crianças e adultos lidam com fragmentos das coisas, velhas ou novas, retiram a parte de um todo, descontextualizam os objetos, rompem com os dogmas presentes em suas funções e significados, ao operarem com as partes, com os fragmentos, criam corpos, com as fissuras dos modos estruturais das coisas, criam adereços, produzem máscaras, distorcem os olhares (Leite, 2021, p. 324).

Encontro Conceição Evaristo (2020) nestas andanças, e lembro de suas narrativas dizendo que desde criança aprendeu a colher palavras. Não nasceu rodeada de livros, mas foi com a mãe em sua condição subalterna de trabalhadora que servia a elite belohorizontina que aprendeu, ainda muito pequena, no chão de terra e com um graveto, a rascunhar os primeiros rabiscos de uma escrita potente da qual se encontrou. E no espaço da escola, sua escrita ganha potencializava-se nas redações escolares, em que ela podia inventar outros mundos, dada a tomada de consciência paulatina da vida precária que lhe era oferecida. Uma *escrevivência* (com a escritora se refere ao ato de escrever), que incomoda, transgride e não pode ser lida como história para “ninar os da casa-grande”, e sim, para incomodar esses sujeitos de seus “sonos injustos”. Pensar o lugar da escola é extremamente fundamental para entender o lugar de um projeto político de fazer educação, pois como já alertava Maria Carolina de Jesus em sua obra-potência *O Quarto de Despejo* (2000), educação cria lugares outros de vida, liberta e ensina sobre nossas possibilidades de lugar no mundo.

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, o homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal (Jesus, 2000, p. 44).

Para Carolina de Jesus (2000), no espaço da leitura e da escrita, instrumentos



potencialmente transformadores, os quais a escola tem a imensa capacidade de desenvolvê-los enquanto projeto político pedagógico do construir conhecimento, ler tornou seu ideal, seu gosto (p. 23), uma alternativa a não “beber pinga”, empregando seu dinheiro em livros (p. 65), tendo este dispositivo como “a melhor invenção do homem” (p. 22). Para ela, a leitura fornece espaços para a escrita e sendo ambas um vínculo ao exercício do imaginário, da força do criar.

Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que residio num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes brilhantes. Que a minha vista circula no jardim, e eu contemplo as flores de todas as qualidades [...] É preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela (Jesus, 2000, p. 52).

A educação é um projeto, se o assumimos, feito por nós, se sucumbimos, feito por um sistema baseado em relações de exclusão, silenciamento, invisibilidades e de criar mais distâncias a aproximações, pois pode ser usada “para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a ‘prática da liberdade’” (Freire, 2011). É um ato político, de criar consciência crítica, transformadora e diferencial (Freire, 2011). É projeto porque se constitui de maneira intencional e sempre constrói algo (basta questionar para quem e com quem), e por isso é político, porque tendo uma intenção, envolve pessoas e arredores, e ao contrário do que muitos movimentos dizem, nunca é neutra, parte de um lugar, de uma escolha. É um exercício constante em um determinado espaço - a escola, da prática pela liberdade.

E um ato político é sobretudo um espaço de tensão e fazeres coletivos, um exercício contínuo dado às discontinuidades, operando sobre inoperâncias, construindo tempos e espaços dentro da escassez, trabalhando com o imprevisto, com a diferença (ainda que possa não se dar conta dessa condição) e atuando em um contexto histórico de descaso político administrativo do poder público, das ausências de estímulo à participação da população e do alijamento social pela qual estas pessoas são violentadas cotidianamente de seus direitos, seja dos mais básicos, como alimentação aos mais sofisticados, como o direito à educação.

Por fim, nesse tabuleiro colorido cheirando a algodão doce, aprender é movimento de mobilização, diferente de motivar. Trama os sentidos que cada ser humano dá às suas ações, não é só externa como a motivação. Brincadeira só tem graça, quando todo mundo entende. Sentido e significado não fazem mal a ninguém. Aprendemos quando sentimos o espaço do movimento, da trajetude. E bora criar cada vez mais essa brincadeira pulsante de aprender, e tecer ricas tramas que nos levem cada vez mais ao sentido da participação e de estar junto em um espaço de fazeres e movimentos.

#### PARA OBSERVAR, TORCER OLHARES: O PNE E A PEDRA DE SABERES LANÇADAS EM TEMPO-EXÚ

Afinal, o que vemos é como vemos? Pensar em um possível trajeto para tocar esse

ordinário (enquanto aquilo que está na ordem), o questionamento é buscar entender em quais éticas nos constituímos e que produz efeitos sobre o encontro ao(s) outro(s), quando pensado um documento com fonte-energia-flecha. Esse é o nosso ebó-trajeto neste texto. Por uma torção nas lógicas de percepção e por uma mensagem-exú.

Apertar o passo não é necessário, mas servir-se desta reflexão pode nos lançar em construir uma episteme sankofa (Nascimento, 2008), em que “*se wo were fi na wosan kofa a yenki*” (“não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”) seja o primeiro passo atrás para seguir adiante nos projetos de outros fazeres. Como em um pássaro mítico que voa para frente com a cabeça voltada para trás, carregando no bico um ovo, o futuro. Voltar para avançar, em que sou porque nós somos, uma ética ubuntu. Recuperar nossa aldeia, em uma cosmovisão yorubá, de um tempo cíclico, é pensar que nosso olhar precisa muitas vezes retomar antes de seguir caminhos-exú.

Na tradição ocidental de pensar linearidades sobre os tempos de vida, há no Brasil desde os anos de 1930, meio a uma política populista nacionalista, é que se emergia os primeiros acordos a se pensar uma composição nacional para o fazer educação brasileiro e das previsões desde a Constituição Federal de 1988 (ANPAE, 2018). Contudo, aqui a provocação presunçosamente matreira não é percorrer esta linha, é embaralhar tempos, para dizer que um marco temporal talvez seja mais intenso se visto sob o ponto de vista *sankófico*.

Ela nos convida a nos reconectar com nossa identidade e nossa herança cultural, a fim de nutrir e fortalecer nossa jornada. Além disso, Sankofa também enfatiza a importância do autodescobrimento e da autorreflexão. Ao olharmos para trás, não apenas aprendemos com nossa história coletiva, mas também com nossa própria jornada pessoal. Reconhecemos nossos erros, nossas falhas e nossos sucessos, e usamos essas experiências para nos tornarmos versões melhores de nós mesmos.

Em resumo, a filosofia Sankofa nos lembra da importância de honrar e aprender com o passado, para que possamos crescer e prosperar no presente e no futuro. Ela nos convida a abraçar nossa história e nossa identidade, enquanto buscamos constantemente evoluir e nos tornar a melhor versão de nós mesmos, humanizar o humano.

O que nos humaniza também está no espaço da educação, conforme nos lembra Charlot (2000), é um dos lugares-potência de humanização dos sujeitos. Pede diversidade, diálogo e pertencimento pela diferença para a igualdade. Pede magia e ejé quente, o sangue (ejé) pulsando em vida. O PNE como potência também humaniza, fertiliza espaços para que se floresçam potências de vida, por meio de curas e secando o que adoece.

Quando não se potencializa vida, as precariza, o que para Butler (2019) é um modo de resposta quando somos submetidos a um discurso, comportamento em relação a nossos/as irmãos/ãs e somente há o contato se somente este/a outro/a demandou algo, se acusa ou chama para alguma responsabilidade. Não há troca, apenas uma única direção. Alguém diz e outro alguém procura. Cai no jugo do que é moralmente predominante, não se dá pelo encontro, pela partilha, mas por alguém que diz de algum lugar. Exú é partilha, companhia e pensa no que faz. Trazer o PNE para este lugar, é entender que não se chega

a lugar algum sem o coletivo, sem a mão afagadora que mira junto a flecha e a pedra-exú. Somente assim o desconhecido, o inesperado, involuntário e não planejado passa a ser força vital, e não espaço precário. Não se observa de fora, para fertilizar vida, devemos abrir a trilha-exú, a fim de que não nos tornemos capturados e subjugados, assim como possam leituras frias e práticas renitentes se não tomadas pela potência do ser no PNE.

O lugar desse observar em uma filosofia preta se refere a reconhecer, retomar tudo o que ficou registrado, das narrativas míticas mergulhadas nos trajetos de ifá. Não é retroceder, nem parar. É buscar no caminho-exú o reinventar humano-futuro. Afinal, na episteme-exú o pássaro morto ontem, foi morto com uma pedra que só hoje jogou Exú (2). Autoconhecimento e empatia no observar. Enxergar e ver o que vemos, e entender o que se vê no porquê se vê e em que lugar se vê. E o que não se vê, mesmo que ainda se veja.

Sempre senti que é impossível se envolver direito com um lugar ou uma pessoa sem se envolver com todas as histórias daquele lugar ou daquela pessoa. A consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos (Adichie, 2019, p. 14).

Pensar comunidade é não pensar individual. O ver não é somente um ato físiobiomecânico. É criar possibilidades, criar mundos. Òrìnlá foi encarregado por Olodumaré de criar o mundo com o poder de sugerir (*àbà*) e o de realizar (*à*), razão pela qual é saudado com o título de Aláàbáláà. Para cumprir sua missão, antes da partida, Olodumaré entregou-lhe o “saco da criação”. O poder que lhe fora confiado não o dispensava, entretanto, de submeter-se a certas regras e de respeitar diversas obrigações como os outros orixás. Uma história de Ifá nos conta como, em razão de seu caráter altivo, ele se recusou a fazer alguns sacrifícios e oferendas a Exú, antes de iniciar sua viagem para criar o mundo.

O Plano Nacional de Educação é, portanto, uma importante ferramenta de criação para nortear as políticas públicas educacionais do Brasil, buscando garantir o direito à educação de qualidade para todos os brasileiros e brasileiras. Sua implementação efetiva requer o envolvimento e o comprometimento de todos os setores da sociedade, bem como recursos adequados e uma gestão transparente e democrática. Precisa se observar sobre o campo da multiplicidade, porque se precisa querer diverso. A potência da criação somente se fertiliza quando reúne a aldeia.

Adichie (2019) nos alerta para *nkali*, um substantivo *igbo* que significa dizer “ser maior do que o outro”, e que incorre sistematicamente em excluir histórias, em subjugação e enviesa nosso olhar, porque apenas vemos o que uma história nos conta, que quando única “cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (p.14).

É preciso *okàn* (coração), o pensamento intuitivo (intelecto), que representa os sentimentos de cada um, o *ara-ayé* (corpo no mundo), o autoconhecimento para este encontro ao outro (Abimbola, 1981; Frias, 2020). E entre passos, uma maneira de ser-

estar no mundo, o pensar-viver, que afirma a pluriversalidade e a alteridade.

Um saber-exú, que é cosmopolita, é o ato, o impulso que cria possibilidades de um mundo onde caibam todos os seres, em suas mais plurais formas de vida. O observar é cruza, a vivência do olhar é cruzada, olhar a si e entender como paramos o mundo que nos chega e os encontros que jogamos são encruzilhadas, é nosso *Laroyê!* a saudação-exú.

Um exercício final sobre o observar, no qual lanço a pedra-exú, é chamando a força Chimamanda Ngozi Adichie (2019) para nosso ilê-casa-partilha-texto-aqui, em que ancestralidade, nosso ontem-hoje e o pássaro nosso hoje-amanhã-futuro possam planar sobre o axé de nossas estruturas, removendo-as de seu lugar confortável e incomodando certezas e imprimindo olhares outros sobre nossas relações com o mundo e com cada irmã/irmão e compor um outro olhar sobre observar os sentidos do PNE.

Não basta constatar, observar tem que ser se rever e re-ver o mundo, depois desse árduo exercício. Por isso, feito sob muito afeto, muita cantiga de roda e muito aconchego consigo e com as/os outras/os, porque nenhuma política educacional somente se constrói por ditos e escritos. É preciso caminhos outros, caminhos-exú.

## O PÁSSARO, A PEDRA E A TORÇÃO: POR CAMINHOS OUTROS DE OLHARES E OBSERVAÇÕES SOBRE FAZER POLÍTICA EDUCACIONAL

A aláfia sob o observar o Plano Nacional de Educação, no caso o que vigora desde 2014 até esse ano de 2024, é discutir este documento sobre o prisma de um campo extremamente fértil de fazeres, que não se encerram em si no texto. A prosperidade alafiadora no contexto-exú pode se referir à confirmação de um bom caminho ou direção.

Esta proposta de torção se refere a uma nova ou diferente forma de pensar sobre o olhar observador sob a política pública contida no PNE, movimentando-se na ideia de descrever processos de conexão de diferentes perspectivas, abrindo caminhos-exú de explorar este lugar-outro, da diferença, como em um xirê ritualístico. Uma dança sagrada circular como a movimentação da força-ori-xá (nosso *ori*, nossa cabeça e nosso guardião, nosso *xá*), do chamado ancestral, da força-criadora e das permanências/imanências dos fazeres humanos.

O PNE é um ato humano, não uma escrita burocrática. É o campo de desejos e saberes, sugerindo outras epistemologias de sentidos numa dinâmica relação de uns/umas com os/as outros/as a partir dessas sensações. Essa relação com o saber, é a relação que estabelecemos com o mundo, conosco e com os/as outros/as (Charlot, 2000).

Podemos utilizar epistemologias afrodiáspóricas para desenvolver uma compreensão mais detalhada e holística do bem-estar e da educação. Ele sugere que, ao recorrermos a essas diferentes formas de conhecimento, podemos criar um sistema educacional mais justo e equitativo para todos. Essa relação com o saber nos coloca como estamos posicionados em relação ao conhecimento, o que influencia nossas trajetórias (CHARLOT, 2000). Apropriar-se do PNE em um espaço de pertencimento a ele, é colocar a trajetória em observação e tornar-se observador.

O que influencia a forma como a apropriação analítica e sensorial sobre o documento constitui sua força-potência. Resgata o lugar saudável e da cura, ao invés da insatisfação e frustração por olhar metas, os não alcances e o que não se tornou. Ao invés das ausências, a ancestralidade povoa de multiplicidade e uma profusão de vozes ecoantes e ecoadas no espaço do acontecer-PNE, seja em sua concepção até o que dele acontece e que ainda diz e dirá, assim como esse futuro se diz-dirá como passado no hoje em que estiver sendo apropriado.

Este texto-ebó apela para uma transformação na forma como pensamos sobre a educação. Sugere que precisamos ir além de uma visão eurocêntrica do conhecimento e abraçar a sabedoria de outras culturas e tradições, especialmente de matriz africana.

Explorar o PNE por um olhar por meio das lentes mágicas da mitologia e espiritualidade afro diaspórico oferece uma perspectiva única, que talvez em outras epistemes não seja considerada. Adotar o espaço pertencer por meio das simbologias-exú e do conceito filosófico negro sankofa promove um movimento para atravessar além de avaliações sobre sucessos e fracassos do plano, habilitando tecer um enredo mais complexo e multireferenciado de temporalidades que conectam passado, presente e futuro sem uma disposição linear e evolutiva, como muitas vezes o pensamento ocidental branco traz. Um olhar sankofa de voltar e pegar, o que complementa a ideia da força-exú.

Um PNE-Exú é um observar *sankofiano*, porque nos encoraja a ir além de um documento estático, e fazê-lo fértil, de uma força dinâmica, uma força-exú. Encoraja-nos a aprender do passado como o lugar do movimento, sem fim, da memória lançada hoje e no encontro do pássaro de hoje. Contribui nesse encontro do hoje, um devir-futuro, como um documento atemporal, ou de tempos encruzilhados, indo além do que foi criado e muito mais do que se pretende aprisionar avaliando-o. É tornar a educação espaço de potência. Freire (1991) já movimentava sobre a potência educação.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (p. 126).

Por um não fim, mas colocando um ponto final formal neste espaço, este texto é um lembrete de que a educação não se trata apenas de adquirir informações e habilidades. Também se trata de desenvolver nosso caráter ético e plural e nos tornarmos mais plenamente humanos, afinal "*Èsù gbe eni se ebo lore o*" (Exú sustenta quem faz o sacrifício corretamente).

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base**. Brasília, DF: Inep, 2015.

ABIMBOLA, Wande. A concepção iorubá da personalidade humana. **Centre National de la Recherche Scientifique**, Paris, ed. 544, 1981.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BUTLER, J. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DOURADO, L. F.; MORAES, K. M e SIQUEIRA, R. M. (Orgs.). **PNE, políticas e gestão da educação**: retrocessos e resistência propositiva. Goiânia: Cegraf UFG, 2023.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. **Escrevivência**: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez; 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: 50. ed., Paz e Terra, 2011.

FRIAS, Rodrigo Ribeiro. Noção Iorubá de pessoa: Modelo identificatório negro-africano. ABATIRA – **Revista de Ciências Humanas e Linguagens**, Bahia, v. 1, n. 2, jul/dez. 2020.

GALEANO, E. **De pernas pro ar**: a escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: LP&M, 1999.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir**: a educação como prática da liberdade. Martins Fontes, 2013.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LEITE, César. Blocos, infância e crianças: entre movimentos e ensaios brincantes. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 14, n. 2, mai./ago. 2021.

MALOMALO, Bas'llele. Eu só existo porque nós existimos. **Revista do Instituto Humanitas**, Unisinos, v. 340, 2010.

NASCIMENTO, Elisa L. Sankofa: Significado e Intenções. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Matriz Africana no Mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

OLIVEIRA, J. F. de; GOUVEIA, A. B. e ARAÚJO, H. (Orgs.). **Caderno de Avaliação das Metas do Plano Nacional de Educação**: PNE 2014-2024. Brasília: ANPAE, 2018.



VERGER, P. F. **Orixás**. Salvador: Corrupio, 2002.